

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 200 — Domingo, 7 de Abril de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio
Fabrica de Tintas
Telefone 12
Depositiário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES

HÁ MAIS DE CENTO E OITENTA ANOS...

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO ESTEVE PARA SER A VENEZA DE PORTUGAL

TALVEZ ao leitor amigo tal título lhe sugira um sorriso incrédulo e de iraca confiança, mas o que é bem certo é que há cerca de 185 anos Vila Real esteve para ser construída nos moldes da poética cidade italiana de Veneza, com bucólicos canais.

Se tal tivesse acontecido, talvez o leitor não utilizasse o automóvel, mas sim um potente «Chris-Craft», que é a última palavra em barcos automóveis, e, na sua meninice, em vez de passear de trem pelas ruas da vila, tivesse dado um encantador passeio de góndola, embalado nas harmonias duma linda barcarola, visitando a Praça Marquês de Pombal e dando uma vista de

olhos pelas montras mais cativantes do Canal Beneditino, hoje Rua Teófilo Braga.

Corria o ano de 1775. O Marquês de Pombal, por carta régia de 30 de Dezembro do mesmo ano, dirigida ao Governador do Algarve, pedia que este lhe escolhesse «um terreno alto e seguro, mas junto ao rio» para a edificação de uma nova vila.

A escolha recaiu na reedificação de Santo António de Arenilha.

Após essa escolha, foi mister arranjar homens para as primeiras obras e ateros a realizar; por esse motivo, vieram abiyacar, junto dos areais que circundavam a futura vila, duas companhias de Infantaria da guarnição de Castro Marim e alguns soldados da guarnição de Lagos, tendo sido nomeado governador da vila a reedificar o tenente-coronel Francisco de Mendonça Pessanha.

Em 17 de Março, foi lançada a primeira pedra simbólica pelas mãos do Juiz de Fora, dr. Nicolau Pedro Vitória de Mendonça.

A vila começou a ser construída em ritmo acelerado, sob a direcção do dr. Alberto Luís Pereira; e, apesar das intensas chuvas que nessa altura assolaram o litoral do Algarve, os trabalhos prosseguiram rapidamente. Poucos meses depois, já se achavam quase concluídos os edifícios da Alfândega, fábricas, quartéis e a Casa das Reais Pescarias do Algarve.

Depois de edificada a parte da vila fronteira ao rio Guadiana, iniciou-se a construção da parte restante, segundo o traçado de José Carlos Mardel, em igual desenho da Baixa, em Lisboa.

Para a edificação desses prédios, tornava-se necessário o aterro dos terrenos mais baixos do que o nível do mar e entulho para a construção das moradias.

E aqui começa o grande problema, que é a razão de ser do nosso artigo.

Os engenheiros, que seguiam o traçado e a construção da nossa vila sob os ordens do dr. Alberto Luís Pereira, achavam que o entulho necessário poderia vir dos montes de areia que distavam 1 Km. da parte norte da vila.

Achou por bem o dr. Alberto Luís Pereira que se abrisse um canal que ligasse o «Rio da Carraquelra» com o Guadiana, resultando o entulho dessa vala para os prédios a construir nas margens. Tal obra nenhuma despesa acarretaria à Coroa, se

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

TRÊS ANOS

no Ministério das Obras Públicas



Eng. Arantes e Oliveira

POR motivo da passagem do 3.º aniversário, ocorrido no dia 2, da posse no alto cargo de ministro das Obras Públicas, o ilustre titular daquela pasta, sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira, foi alvo de uma expressiva homenagem por parte do funcionalismo do seu Ministério, a que se associou o respectivo subsecretário, sr. eng. Saraiva e Sousa.

Por intermédio do secretário-geral daquele importante departamento do Estado, sr. general D. Luís de Macedo (Mesquitela), todo o pessoal técnico e administrativo que serve sob as ordens do sr. eng. Arantes e Oliveira significou a este eminente estadista o alto apreço e admiração que lhes merece quem, no curto espaço de três anos, tem sabido realizar, com extraordinária clarividência, competência e dinamismo, uma notabilíssima obra de fomento em todo o País.

Como algarvios, sinceramente gratos ao sr. eng. Arantes e Oliveira pelos benefícios que a nossa Província tem colhido da sua profícua actividade—de que a barragem de Silves e a doca de Olhão são significativos exemplos—e, especialmente, como vilarrealeses agradecidos pela atenção que o ilustre ministro das Obras Públicas tem manifestado pelos mais importantes problemas e justas aspirações da nossa terra—que, entre outros importantes melhoramentos, fica a dever-lhe a tão desejada doca de pesca—é-nos particularmente grato assinalar nestas colunas tão auspicioso data, apresentando ao sr. eng. Arantes e Oliveira os nossos cumprimentos de felicitações.

O HOMEM E A CIÊNCIA

POR muito incultos que sejamos, temos, mais ou menos nítida, a ideia de que a humanidade já foi diferente do que é hoje, de que a história é a relação das etapas duma marcha a que, seguramente, não po-

demos marcar o fim último, mas em que é indubitável que cada etapa sobreleua a

PELO
Dr. MÁRIO SACRAMENTO

anterior, em que cada etapa forja as condições da etapa seguinte.

Esta consciência histórica não é, porém, tão lúcida quanto uma análise superficial poderia levar a crer. É certo que o comum dos homens sente que a sua época é diferente da dos seus antepassados; que está convencido de que já houve tempos em que o homem desconhecia o cinema, a electricidade, os automóveis, a imprensa; e espera vagamente que o futuro traga surpresas.

Quase ninguém tem, porém, consciência do preço por que ficaram à humani-

dade essas conquistas; há mais ou menos a vaga consciência de que isso «aconteceu». Como? A' custa de que conflitos?

Deste modo, poucos têm olhos para descortinar na

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ACERCA DE UMA PALESTRA DO SR. ANTERO NOBRE

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

CONFORME impresso que parcialmente transcrevemos no final do nosso último artigo, em Janeiro de 1946 ainda toda a propaganda se fazia pró-fundação da Casa dos Algarvios, e não, como o sr. Antero Nobre pensava, pró-reorganização da Casa do Algarve.

A ideia duma reorganização ocorreu já no atar das feridas e pelo motivo seguinte: Próximos da altura das grandes realizações, Joaquim António Nunes foi in-

cumbido de ir ao Governo Civil de Lisboa a inteirar-se da papelada necessária para a legalização do organismo que se pretendia criar. Uma vez aí, Nunes teve a sorte de encontrar um funcionário simpático, atencioso e de boa memória, que ainda se lem-

PELO
ENG. J. SILVA CARVALHO

brava perfeitamente da existência do processo relativo à primitiva Casa. Deste modo, e após uma volta pelos arquivos, o processo apareceu. Consultado ele, verificou-se que tudo se simplificava imenso desde que, para fins burocráticos, fosse dada a aparência duma reorganização da coisa antiga, em vez de fundação de coisa nova.

Nunes voltou com a sugestão, cem por cento sensata. E toda a gente foi de acordo em aceitá-la, decerto mal suspeitando que ela trazia dentro de si o germe da megalomania e o motivo para, onze anos decorridos, o sr. Antero Nobre se deleitar em considerações românticas.

Jerónimo Marcos, depois, desencantou o original do antigo alvará. E, a partir dessa altura, ficou assente a ideia duma reorganização. Esta a verdade, despida de artificialismos.

Pois, à volta deste ponto tão

claro, o sr. Antero Nobre esfalfou-se em curvas caprichosas e, a folhas tantas, afirmou-se portador dumas «palavras de justiça»

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA)

«JORNAL DO ALGARVE»

Com este título, iniciou a sua publicação, na nossa terra, um novo semanário, de excelente apresentação gráfica e cuidada colaboração, dirigido pelo experientista jornalista profissional, nosso prezado amigo e antigo colaborador, sr. José Barão, que há longos anos faz parte da Redacção de «O Século».

É o editor do novo jornal o sr. Sebastião Santos Silva e fazem parte do seu corpo redactorial os distintos jornalistas, também nossos estimados amigos, srs. José Alves Mestre e Manuel da Silva Domingues.

Cumprimentando o novo colega, que se mostra animado dos melhores propósitos de bem servir a nossa terra e o Algarve, desejamos-lhe muitas prosperidades.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

CADA vez tem maior acuidade entre nós o problema da habitação que não é, de maneira alguma, um simples lugar comum.

Em Lisboa e seus arredores existem, actualmente, muitas casas para alugar e

daí, erradamente, poder-se-á inferir que as habitações vão sendo em demasia.

A triste realidade do problema habitacional não pode, porém, ser encarada tão superficialmente; há que ir ao âmago da questão.

Os portugueses soírem de debilidade económica, que parece ter tendências a tornar-se crónica, e tal debilidade, devido ao baixo rendimento da maioria, não pode suportar o encargo que representa, hoje em dia, o aluguer de uma casa.

Por outro lado, a ganan-

(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)

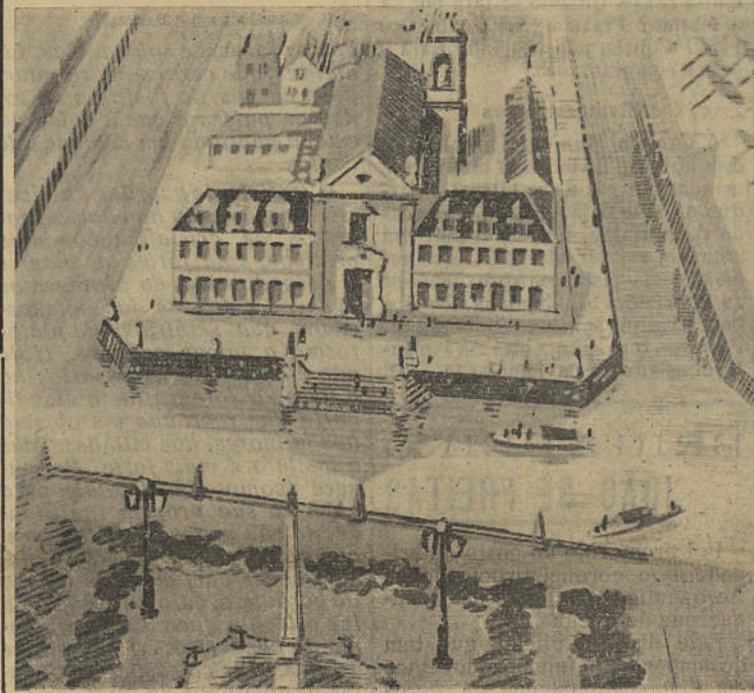
INICIARAM-SE

OS TRABALHOS DE REPARAÇÃO

DA PONTE DO ALMARGEM

Foram já iniciados os trabalhos de reparação da ponte sobre a ribeira do Almagem, seriamente danificada, vai para dois anos, por uma violenta enchente—do que resultou ter-se desviado todo o trânsito com o extremo sotavento algarvio e a fronteira, para a velha ponte romana, umas centenas de metros a montante. Com esta solução de emergência, a passagem de veículos pelo Almagem, principalmente camionetas de passageiros e pesados camions de carga, tem estado a fazer-se em condições precárias, pelo que, por mais de uma vez, nestas colunas, chamámos a atenção das entidades competentes para a gravidade da situação.

Os trabalhos agora começados, e que tivemos ensejo de observar há dias, impunham-se como indispensáveis para a regularização do tráfego rodoviário nesta zona da nossa Província, pelo que fazemos votos para que sejam levados a termo com a brevidade que as circunstâncias aconselham.



Uma visão do que poderia ser a nossa terra...

O HOMEM E A CIÊNCIA

demos marcar o fim último, mas em que é indubitável que cada etapa sobreleua a

PELO
Dr. MÁRIO SACRAMENTO

anterior, em que cada etapa forja as condições da etapa seguinte.

Esta consciência histórica não é, porém, tão lúcida quanto uma análise superficial poderia levar a crer. É certo que o comum dos homens sente que a sua época é diferente da dos seus antepassados; que está convencido de que já houve tempos em que o homem desconhecia o cinema, a electricidade, os automóveis, a imprensa; e espera vagamente que o futuro traga surpresas.

Quase ninguém tem, porém, consciência do preço por que ficaram à humani-

dade essas conquistas; há mais ou menos a vaga consciência de que isso «aconteceu». Como? A' custa de que conflitos?

Deste modo, poucos têm olhos para descortinar na

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ACERCA DE UMA PALESTRA DO SR. ANTERO NOBRE

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

CONFORME impresso que parcialmente transcrevemos no final do nosso último artigo, em Janeiro de 1946 ainda toda a propaganda se fazia pró-fundação da Casa dos Algarvios, e não, como o sr. Antero Nobre pensava, pró-reorganização da Casa do Algarve.

A ideia duma reorganização ocorreu já no atar das feridas e pelo motivo seguinte: Próximos da altura das grandes realizações, Joaquim António Nunes foi in-

cumbido de ir ao Governo Civil de Lisboa a inteirar-se da papelada necessária para a legalização do organismo que se pretendia criar. Uma vez aí, Nunes teve a sorte de encontrar um funcionário simpático, atencioso e de boa memória, que ainda se lem-

PELO
ENG. J. SILVA CARVALHO

brava perfeitamente da existência do processo relativo à primitiva Casa. Deste modo, e após uma volta pelos arquivos, o processo apareceu. Consultado ele, verificou-se que tudo se simplificava imenso desde que, para fins burocráticos, fosse dada a aparência duma reorganização da coisa antiga, em vez de fundação de coisa nova.

Nunes voltou com a sugestão, cem por cento sensata. E toda a gente foi de acordo em aceitá-la, decerto mal suspeitando que ela trazia dentro de si o germe da megalomania e o motivo para, onze anos decorridos, o sr. Antero Nobre se deleitar em considerações românticas.

Jerónimo Marcos, depois, desencantou o original do antigo alvará. E, a partir dessa altura, ficou assente a ideia duma reorganização. Esta a verdade, despida de artificialismos.

Pois, à volta deste ponto tão

Com este título, iniciou a sua publicação, na nossa terra, um novo semanário, de excelente apresentação gráfica e cuidada colaboração, dirigido pelo experientista jornalista profissional, nosso prezado amigo e antigo colaborador, sr. José Barão, que há longos anos faz parte da Redacção de «O Século».

É o editor do novo jornal o sr. Sebastião Santos Silva e fazem parte do seu corpo redactorial os distintos jornalistas, também nossos estimados amigos, srs. José Alves Mestre e Manuel da Silva Domingues.

Cumprimentando o novo colega, que se mostra animado dos melhores propósitos de bem servir a nossa terra e o Algarve, desejamos-lhe muitas prosperidades.

José Barão

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De visita a seu filho, esteve em Coimbra o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel António Munhoz.

Encontra-se em Venda Novas, a prestar serviço militar, o sr. Delmar Rosado.

Seguiu para Itália o sr. comendador Mário Parodi, proprietário da conceituada firma Soc. Acc. Angelo Parodi Fu Bmeo.

Encontra-se na sua «Quinta de Cima», em Vila Nova de Cacela, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado confratão sr. eng. Sebastião Garcia Ramires.

Em viagem de recreio, seguiu para a França, Bélgica e Alemanha, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado comprouviano e assinante sr. dr. Humberto José Pacheco, residente em Lisboa.

Com curta demora, foram a Lisboa o nosso prezado assinante sr. João Ferreira Gregório e o sr. Miguel António Socorro Domingues, filho do nosso assinante sr. Manuel da Silva Domingues, e os srs. Luis Félix da Silva e Manuel Correia Salvador, nossos prezados assinantes.

De visita a sua família, esteve nesta vila a sr.ª D. Belmira Castanheira Dias, esposa do nosso amigo e assinante sr. Manuel José Dias, residente em Olhão.

Acompanhado de sua esposa e filho, encontra-se em Lisboa o nosso prezado assinante e amigo sr. eng. M. D. M. Falconer, de regresso da sua viagem a Inglaterra.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso prezado confratão e assinante sr. Ernesto Martins, residente em Olhão.

Doente

Foi operada em Lisboa, tendo a operação decorrido com o maior êxito, a sr.ª D. Rita Cavaço, residente em Odeleite.

ESTÃO A SER COLOCADAS NA NOSSA VILA

Placas de Sinalização de Trânsito

Foram colocadas, na passada quarta-feira, dia 5 do corrente, na Praça Marquês de Pombal, placas de sinalização de estacionamento, ficando a parte da praça em frente aos cafés destinada aos carros de aluguer. O estacionamento de carros particulares só é permitido junto aos passeios da praça.

Noutros locais da vila vão ser colocadas placas idênticas. Conforme foi deliberado pela Câmara Municipal, as camionetas de passageiros passarão a entrar na vila pelas ruas Teófilo Braga, Pinheiro Chagas, Artilharia 1 e Avenida da República. A saída será feita pelas ruas do Progresso, D. Francisco Gomes e Estrada Nacional.

Curso de Aperfeiçoamento DO PROFESSORADO

Realiza-se nesta vila, nos dias 11 e 12 do corrente, no edifício da Escola Primária Masculina, um curso de aperfeiçoamento do professorado dos concelhos de Castro Marim, Alcoutim, Tavira e Vila Real de Santo António. O curso de aperfeiçoamento terminará em Tavira no dia 13, realizando-se, seguidamente, uma recita infantil, desempenhada por alunos das escolas daquela cidade.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE 1835 CAPITAL E RESERVAS: 287 MIL CONTOS CORRESPONDENTE ARTUR ALEIXO HORTA

CRONICAS IRREQUIETAS

I

Com a aparição do calor e as cálidas noites com que a Natureza nos prodigalizou, começaram a aparecer os primeiros ranchinhos de meninas na Rua dos Mosaicos, ou Avenida do Ciúme, nomes por que é conhecida a nossa Rua Teófilo Braga.

Como não podia deixar de ser, os rapazes começaram logo a largar os cafés, as enérgicas discussões de futebol e os animados jogos de «poker», para virem passear, atrairando por cima do ombro alguns piropos e olhares melados e amorosos nos cruzamentos, o que sempre é perigoso.

A Rua Teófilo Braga, que, apesar de ser de mosaicos, não reúne condições algumas de estádio desportivo, continua a ser entretenimento dos garotos, alguns já crescidos, com animados desafios de futebol com pequenas bolas de madeira que, por vezes, lastimam os transeuntes. Esperamos que a polícia visite com mais assiduidade de aquele local.

Há tempos, na rua Teófilo Braga, duas meninas, que costumam andar sempre juntas, diziam uma para a outra:

— Olha lá, porque será que as mulheres, cá em Portugal, não vão para o serviço militar?

— Podíamos ir para «milicianas» e talvez fôssemos para Tavira, não era bom?

— Ora, se era... Recordações do Carnaval, talvez...

A mata que emoldura a nossa vila, agora toda de um verde brilhante e com a retama florida, que põe manchas brancas por entre o verde da folhagem, tem sido todos os domingos, depois de almoço, o local maravilhoso para irem passear grande parte dos habitantes da vila, que não se deslocam ao futebol.

A estrada alcatroada, que atravessa toda a mata e liga Vila Real a Monte Gordo, numa recta esplêndida, é um local magnífico para passear sob um sol manso que pondo um tom colorido em tudo o que o rodeia, esconde as imperfeições deste mundo e nos convida a amar.

Por falar da estrada da mata, num dos últimos domingos andavam passeando alguns namorados, sob o sol aliciante que fazia com que a inspiração fosse mais desafogada.

Num desses grupos, ouvi por acaso uma conversa interessante, que contribui um pouco para a avaliação dos tempos modernos.

Ela dizia-lhe: — Tu bem vês, X, há já um ano que nós namoramos, e isto não pode continuar assim, agora que já tens uma posição definitiva, e como ainda há pouco disste que cada dia que passa gostas mais de mim, e já lá vai um ano, tu devias comprar uma casa, uma mobília de casa de jantar, uma mobília de sala, um fogão a Gás-Cidra, alguns quadros e tudo o mais que faz falta, para o casamento.

O pobre do rapaz ouviu aquilo tudo; virou-se muito aflito para o companheiro do lado, que pegava ternamente na mão da outra rapariga, e disse-lhe, muito corado, apontando para a namorada:

— Olha, olha, como o Inverno a deixou...

JOSÉ VASCO NUNES MEDICO Consultas todos os dias a partir das 15 horas. Consultas dos pobres às Terças-feiras e Sábados — pelas 16 horas. Consultório - Rua da Princesa, 90 VILA REAL DE SANTO ANTONIO

PROVINCIA

TAVIRA

Subsídios para Tavira

Verbas a despendor com obras eventuais de pequenas reparações, conservação e simples arranjos durante o corrente ano: Administração Florestal de Tavira, 45.000\$00; em edifícios do Património Privativo dos C. T. T. — Estação de Tavira, 10.000\$00.

Procissão dos Passos

Realiza-se hoje, pelas 17 horas, a tradicional Procissão dos Passos, que costuma atrair a esta cidade elevado número de pessoas, tanto do concelho como de fora dele. Esta procissão sairá da igreja de S. Francisco, no Largo do Hospital da Misericórdia, acompanhada por muitos irmãos levando as insígnias, e será abrilhantada pela Banda de Tavira.

Especulação com a venda de peixe

Não há meio de quem pode e deve acabar com o que se passa no Mercado Municipal, no capítulo peixe. Como tem faltado o referido alimento, o pouco que aparece é vendido a preços escandalosos. O retalhista compra na lota por qualquer preço e depois adiciona-lhe a percentagem que quer, desafiando o lucro que está estabelecido. Pelos jornais estamos informados que as brigadas de fiscalização estão já a travar esta subida de lucros, autuando a torto e a direito, e com muita razão. Quando se fará por cá o mesmo? Peixe a 20\$00, 16\$00 e 14\$00 o quilo, não se ganha para o poder comprar.

Melhoramentos

A Câmara Municipal resolveu, e com aplauso de todos os munícipes, mandar alargar a rua lateral ao jardim e ao rio Gilão. Assim, um bocado da muralha, que se encontrava recuado, vai ser alargado, nivelando-se com o restante. Aproximam-se as procissões da Semana Santa e bom seria que se olhasse pela rua dr. Parreira, que se encontra em lamentável estado de pavimentação. — C.

BRIGADEIRO JOÃO DE FREITAS

Foi promovido ao posto de brigadeiro o coronel tirocinado de Aeronáutica sr. João de Albuquerque de Freitas.

Este distinto oficial, que tem desempenhado funções docentes em diversas unidades de Aeronáutica, é professor catedrático da 16.ª cadeira da Escola do Exército. Tem-se distinguido em diversos cargos de comando e direcção e participado em diversas missões de estudo ao estrangeiro. Frequentou, também, o curso de Comando e Estado-Maior na Universidade do Ar dos Estados Unidos da América do Norte e conta grande número de louvores e condecorações.

O sr. brigadeiro João de Freitas é casado com a nossa conterrânea e assinante, em Lisboa, sr.ª D. Anaiz da Silva Horta de Freitas.

FALECIMENTO

António José Gago Em Vila Nova de Cacela, faleceu o sr. António José Gago, de 88 anos de idade.

O extinto era pai do sr. tenente João da Cruz, que se encontra prestando serviço em Nova Lisboa (Angola), e do sr. Adolfo da Conceição Gago, droguista e correspondente do «Diário de Lisboa», naquela vila. O funeral foi muito concorrido, tendo comparecido alguns amigos da família, naturais de Vila Real de Santo António.

À família enlutada, o «Notícias do Algarve» apresenta sentidos pésames.

PROGRAMA

'Recortes da Nossa Terra'

Esteve entre nós, colhendo informações para a elaboração do programa «Recortes da Nossa Terra», que, desta vez, será dedicado à nossa vila, a Brigada de Exteriores do programa que, semanalmente, vem sendo dedicado a várias localidades de Portugal.

A Brigada, composta pelos srs. Luís de Sousa e Alberto de Oliveira, entrevistou o sr. presidente da Câmara e outras entidades oficiais e particulares.

O programa dedicado a Vila Real de Santo António será radiodifundido por «Rádio Clube Português» — Estação de Miramar — nos dias 12, 15 e 19 do corrente, pelas 19 horas.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

ALBUFEIRA

NOTICIÁRIO

O sr. presidente da Câmara Municipal deste concelho seguiu hoje para Lisboa, aonde vai tratar de diversos assuntos de interesse para o Município, como seja a celebração do contrato, na C. G. D. C. P., do empréstimo de 250.000\$00, destinado à compra de contadores de água; a obtenção da comparticipação do Estado para a electrificação do concelho — Ferreiras, Guia e Paderne — e a remodelação da central eléctrica, dado o péssimo serviço de fornecimento de energia, devido às condições do material existente, motivando avarias no motor, ainda resultantes da inundação que assolou Albufeira, em 15 de Janeiro do ano passado.

No meio católico desta vila verifica-se descontentamento e desgosto pelo não impedimento da realização de bailes nesta quadra quaresmal, por se achar que bastam os bailes que se realizam durante o resto do ano para divertir suficientemente o público. — C.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

das as formas e substâncias. Li, há dias, que certo maduro guardava caixas de fósforos de todos os países e que a colecção estava avaliada em centenas de contos.

O instinto de guardar explica-se. Era, quando não havia processos de cristalização mais práticos, uma forma de manter o passado vivo, de proteger os avanços culturais dos antepassados, que serviriam de plataforma a novos avanços. Hoje não é assim tão necessário; há o livro, a fotografia, a maquinaria que reproduz um objecto aos milhares, aos milhões. Mas o instinto é mais forte. Permanece (como diz Nicolai) para além da sua própria inutilidade, da sua negação. (A's vezes, até, em vez de proteger a vida, de a conservar, mata; é o caso da borboleta, cuja atracção pela luz a leva a queimar-se na chama do candeeiro...) E assim se entendem as colecções de bilhetes de caminhos de ferro, de botões de colarinho, de tarjetas dos hotéis nas malas de viagem. Todos nós, mais ou menos, gostamos de guardar, de coleccionar qualquer coisa. Pode faltar-nos a persistência, o grdozinho de loucura que faz dessa tendência uma razão de viver. Mas, em maior ou menor grau, têmo-la.

Sabem qual é a minha? Colecciono notícias de jornais e revistas portuguesas, em que se relatam feitos heróicos, nobres ou simpáticos, das nossas crianças. Por vezes, folheio-os e sobe na minha alma o calor, a íntima validade, o inesfúel prazer que deve experimentar o aventureiro quando revolve nas mãos trémulas as suas libras de cavalinho.

Uma carta, Grandet e as mãos puríssimas

Isto vem a propósito de uma carta que recebi hoje. E' firmada por um nome que muito aprecio, pároco num lugarejo da Beira Baixa. Estão lembrados de que lhes falei dele, não é verdade? Conheci-o em Monfortinho, jalou-me, dorida e revoltadamente, da pobreza extrema da provincia. A carta dizia, — numa letra redonda, repousada: «Aqui tem um exemplar precioso para a vossa preciosa colecção.» Tratava-se do recorte de um jornal que relatava a aventura de uma menina salvadora de outras duas quase afogadas.

Avarento, a olhat as libras de cavalinho. Bom, não sei se o Pai Grandet se terá, alguma vez, emocionado tanto com o seu tesouro de desassete milhões de francos dos bons tempos da esperança-ouro burguesa. Sei que ao reler estas notícias minúsculas, anónimas, perdidas nas páginas interiores dos grandes informativos, sinto uma suave melodia inundar-me o coração. E' a gesta heróica que valorosa gente, dia a dia, canta e enraísa no chão sagrado pelas mãos puríssimas dos seus meninos.

Maria Manuela Nunes

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

TRIBUNAL JUDICIAL Comarca de Vila Real de Santo António Anúncio

(2.ª Publicação)

No dia 11 de Abril de 1957, por onze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de execução fiscal que a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Aljustrel move contra João Parreira Lopes e seu fiador José Luis Mira, residentes em Montes Velhos-Aljustrel, há-de proceder-se à arrematação, em hasta pública, dos prédios a seguir designados, pelo maior lance oferecido acima dos valores, respectivamente, indicados:

PRÉDIOS

1.º) O direito a uma sexta parte de uma courela de terra galega, com árvores, no sítio do Barranco do Pé Queimado, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, inscrito na competente matriz sob o art.º n.º 2.787 e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob n.º 7.288, a fls. 151 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de 150\$00.

2.º) O direito a uma sexta parte de uma morada de casas térreas, com dois compartimentos, ramada e palheiro, sita no lugar da Ladeira do Beliche, freguesia de Castro Marim, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o artigo n.º 1.194 e descrita na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 7.229 a fls. 151 v.º do livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de 96\$00.

3.º) O direito a uma sexta parte de uma courela de terra galega, no sítio do Beliche, freguesia de Castro Marim, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o n.º 2.779 e descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 7.280, a fls. 152 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de sessenta escudos.

4.º) O direito a uma sexta parte de uma courela de terra de semente e matosa, no sítio da Ladeira do Beliche, freguesia e concelho de Castro Marim, inscrito na respectiva matriz sob o artigo n.º 2.788, e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 7.281, a fls. 152 v.º, do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, de 720\$00.

5.º) O direito a 1/12 avos de uma courela de terra várzea, no sítio do Beliche, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, inscrito na respectiva matriz sob o artigo n.º 2.790 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.282, a fls. 158 do Livro B-17. Vai à 1.ª praça pelo valor matricial corrigido, correspondente, 60\$00.

São por este citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos, nos termos da Lei.

Vila Real de Santo António, 23 de Março de 1957.

O Chefe da Secção de Processos, a) António Figueiras da Cruz.

Verifiquei:

O Juiz de Direito a) Francisco Nunes Correia.

Feira Popular DE FARO

A Direcção convida as firmas comerciais, industriais, etc., a quem interesse utilizar esta Feira, a realizar nesta cidade de 1 de Junho a 31 de Agosto do corrente ano, a fazerem as respectivas marcações de terrenos, para o que podem solicitar informações quer no seu escritório, sito na Alameda João de Deus, ou pelo telefone, Faro 383.

AGENDA

Depois de um curto espaço de tempo de interregno na actividade da pesca, em obediência ao preceituado na Lei, que os armadores aproveitaram para modificarem o aspecto de alguns barcos, tornando-os mais modernos e efficientes, saíu, há dias, toda brilhante na sua pintura fresca, para a nova safra a nossa frota piscatória.

Oxalá seja um ano de farta pescaria e de muito movimento, são os nossos votos para os hábeis pescadores da nossa terra.

A seguir publicamos os primeiros números referentes às vendas de pescado na safra decorrente:

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 29 de Março a 5 de Abril: TRANEIRAS Sul 189.756\$00 Levante 86.950\$00 Triunfante 76.370\$00 Aldita 38.450\$00 Flor do Guadiana 29.300\$00 Norte 20.730\$00 Total 441.556\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 29 de Março a 4 de Abril:

Entrados: RAMPART, Inglês, de 1352 ton., de Savona, vazio. LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Tanger, com carga em trânsito. MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio. ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos: SCHWANECK, Alemão, para Cadiz, com carga em trânsito. ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério. LAUPEN, Suíço, para Livorno e Génova, com óleo saponificável e conservas. RAMPART, Inglês, para Dublin, com minério. MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 6 a 12 de Abril, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal, Telefone 49.

ACÇÕES

De «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta: Apartado n.º 13 - FARO.

TRIBUNAL JUDICIAL Comarca de Vila Real de Santo António Anúncio

No dia 23 de Abril, próximo, pelas 11 horas, no Tribunal desta comarca, na execução sumária que corre pela secção de processos do mesmo Tribunal contra Silvestre Miguel Teixeira, solteiro, proprietário, residente no Monte de Pero Dias-Martinlongo, desta comarca, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio apreendido àquele executado:

PRÉDIO

Uma courela de terra no sítio do Serro das Voltas, freguesia de Martinlongo, desta comarca, inscrita na respectiva matriz sob o art.º n.º 4.025 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.362, a fls. 21 v.º, do Livro B-18. Vai à praça no valor de mil cento e noventa e dois escudos e cinquenta centavos.

Vila Real de Santo António, 29 de Março de 1957.

O Chefe da Secção, a) António Figueiras da Cruz.

Verifiquei: O Juiz de Direito, a) Francisco Nunes Correia.

Uma crónica por semana

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cia não permite o abaixamento do custo dos terrenos para construção, e o encarecimento dos materiais e as exigências modernas de conforto (absolutamente imprescindíveis) não permitem rendas acessíveis à maioria.

Só ao Governo compete pôr definitivamente termo a este estado de coisas que não sabemos até onde nos levará. Se o Estado tanto pretende defender a honra e a instituição da família, aliás como a sã moral cristã e católica proclama e aconselha, não vemos porque se continue trilhando por um caminho que gera a promiscuidade, incita ao desleixo e conduz à imoralidade. Se o homem português tem procurado, na taberna ou nos campos de futebol, prosseguir numa animalidade que a ausência de um lar decente lhe impõe e se se procura virtualizar os costumes e procurar obter um ambiente de vida mais elevado que o regenerar, não vemos como será possível fazê-lo sem que primeiramente se procure pôr à sua disposição uma casa que reúna os atractivos indispensáveis a uma vida honesta, harmoniosa, simples e propícia ao estabelecimento de um lar feliz.

Uma habitação de renda elevada implica sacrifício incomportável ou a necessidade de meter estranhos portas a dentro, com prejuízo para quem os admite e para eles próprios — porque tanto uns como outros ficam sem lar e expostos ao desmoralizante e anti-higiênico contacto de muita gente vivendo num restrito número de dependências, acanhadas quase sempre, e que não reúnem, as mais das vezes, as mínimas condições habitacionais.

Por outro lado, quando se procura atenuar o problema com a construção de habitações económicas, estas não são postas à disposição de todos os portugueses, mas apenas de alguns e não há preocupação com a localização nem tão pouco com um mínimo de requisitos inerentes aos seus inquilinos, sem falar já da insuficiência numérica das habitações e na acessibilidade económica dos transportes.

O dispêndio com a renda de uma habitação não é o único factor a considerar num orçamento familiar. Os transportes e o custo de vida local são outros tantos factores, importantíssimos porque vêm onerar aquela, em larga escala. E nós estamos ainda muito longe de ter ao serviço do público os transportes economicamente acessíveis, de que carecemos. Neste campo, somos dos raros países do mundo onde os transportes colectivos dão lucros fabulosos, porque, nos outros, quase sempre o Estado os tem que subsidiar.

Como impulso grande na normalização do nosso nível de vida, capaz de equipará-lo à maioria dos povos europeus, o Estado tem de encarar, a sério e inteligentemente, a solução do problema habitacional e terá de fazê-lo sem demora e amplamente, com uma larga visão e chamando a si a colaboração de todas as entidades interessadas e dos técnicos competentes, que entre nós existem, para que sejam postas em execução as medidas convenientes.

Não será com uma dispersão de energias e de esforços, nem com a livre construção, que apenas visa interesses privados e dá ao a grandes negócios lucrativistas, que tão magno problema se resolve.

De igual modo nos parecem demasiadas as cooperativas, que em Portugal pretendem — pretenderão, realmente? — debelar a crise habitacional. O que é necessário é uma imediata fusão, que permita tornar forte, economicamente, o que agora nos aparece com tão pouca viabilidade de consecução de fins. De uma tão grande descentralização de esforços nada poderemos esperar e as próprias cooperativas se delapidam ingloriamente.

Ao Estado, por intermédio das Câmaras Municipais, compete ainda distribuir, por preço acessível, e sem que se propicie a deploável exerceção da lei da oferta e da procura, os terrenos indispensáveis à construção das habitações verdadeiramente económicas acessíveis à maioria.

A obrigatoriedade de rendas limitadas, que atingem 700\$00 e mais, não resolve a situação de uma classe média por, ser incomportável para o seu rendimento. Uma renda de 700\$00 impõe um ordenado nunca inferior a 3.500\$00, vencimento que está muito longe de ser obtido pela maioria dos portugueses. E mesmo que um chefe de família o obtenha, não vejo como possa suportar uma renda de 700\$00, se tiver cinco pessoas de família a seu cargo, sobretudo se entre elas houver, pelo menos, três em idade escolar e liceal e havendo que considerar que a posição social (ainda que fictícia) de quem afere um ordenado de 3.500\$00 impõe que toda a família traje para além da simples sobriedade. E haverá ainda que ter em conta que só muito dificilmente um chefe de família, com cinco pessoas a seu cargo, encontra habitação para 700\$00 de renda com o número suficiente de divisões que lhe permitam instalar convenientemente toda a família.

Por outro lado, a precariedade destas habitações leva-nos a admitir que não se levou em conta as reais necessidades dos indivíduos a quem se destinavam. As construções são muito deficientes e raramente o arquitecto e o construtor se preocuparam em realizar obra perfeita. A profissão de arquitecto nem sempre é exercida livremente e nem sempre, do mesmo modo, a procuram dignificar.

O grave problema da habitação, em Portugal, assenta sobre um conjunto de circunstâncias, de factores e de posições que têm de ser revistos e esquematizados, para que um estudo profundo e realista lhe encontre a solução adequada. E não será nem difícil nem impossível fazê-lo e conseguí-lo; o que se torna indispensável para tanto é que se ponham de parte os interesses particulares, para se atender unicamente ao interesse colectivo, que representa o progresso e o prestígio da Nação, pelo bem estar e elevação moral dos portugueses.

Assim, em data difícil de precisar, mas possivelmente em pleno mês de Fevereiro, o escritor Julião Quintinha, o dr. Virgílio de Passos, Joaquim António Nunes, Jerónimo Marcos e, salvo erro, o crítico Roberto Nobre foram pessoalmente a casa do dr. Ferreira de Almeida e convidaram-no a tomar parte activa nos trabalhos. A recepção foi deveras amigável, mesmo fidalga. E, imediatamente, esquiçaram-se as primeiras bases sobre a próxima realização duma reunião magna, tendo o dr. Ferreira de Almeida, sempre prestável e voluntarioso, sugerido que ele próprio iria pedir a Casa do Alentejo para tal fim. Foi este o primeiro grande serviço que a moderna Casa do Algarve lhe ficou devendo. Como o sr. Antero Nobre vê, aqui não há batota. A César o que é de César!

Assente o primeiro ponto fundamental da existência legal da Casa do Algarve, que é como quem diz, para os que, após a hecatombe de eleições, puseram a bom recato o alvarazinho que perpetua os tempos esplendrosos que se seguiram a 1950. Daí o sr. Antero Nobre ter acrescentado: «Depois de alguns anos de vida sem glória, as portas fecharam, mas a Casa não morreu».

Pudera! Ficou o alvará (a certidão de nascimento do morto querido) consagrando a eterna glória dos que salvaram uma «existência legal»!! Mas... qual existência legal? — dirá o leitor. Querem que eu responda? Não sei responder. O sr. Antero Nobre é que inventou esta pitoresca facécia. Para mim, os salvadores da tão decantada existência legal limitaram-se somente a não queimar o alvará. Também mal fizera tivessem feito uma fogueira com esse papel, sujeito de tinta preta, símbolo de tanta luz, mas... garantia de tão pouco calor.

Outro orador menos romântico teria proposto um diploma de honra para os guardadores do papelucho. O sr. Nobre limitou-se a umas palavras de justiça...

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

Assine e propague «Notícias do Algarve»



DESPORTO

FUTEBOL

Começa hoje a disputar-se a 2.ª fase do Campeonato Nacional da III divisão. O Lusitano, apurado no torneio do 8.º Grupo, disputará a «poule» da zona D com o Serpa, Elvas e Estrela de Portalegre.

Os nossos conterrâneos defrontarão hoje, no Campo Francisco G. Socorro, a valorosa equipa do Serpa, da qual fazem parte os conhecidos Patalino, Teixeira da Silva e Luís.

Apesar do valor dos visitantes, cremos que o Lusitano poderá alcançar a vitória, se os seus elementos souberem juntar à sua habitual energia a toada de

jogo mais conveniente às suas características.

Resultados dos jogos da última jornada: Sambrasense, 6-Lusitano, 3 Serpa, 5 - Aljustrelense, 1 S. Domingos, 1-Lagos, 2

Classificação final da zona D (8.ª Série)

	J	V	E	D	B	P
F.C. Serpa	10	8	1	1	36-11	17
Lusitano	10	5	3	2	26-22	13
Sambras.	10	5	1	4	27-29	11
Lagos	10	1	5	4	17-29	7
S. Doming.	10	2	2	6	24-39	6
Aljustrel.	10	2	2	6	19-25	6

Jogos para hoje:

Lusitano - Serpa
Elvas - Estrela

ACERCA DE UMA PALESTRA DO SR. ANTERO NOBRE

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

metia um apoio que logo se afirmou bastante valioso. Disso apercebeu-se a Comissão Pró-Casa dos Algarvios. Após ligeira troca de impressões, pareceu a toda a gente que o dr. Ferreira de Almeida era, de facto, a pessoa providencial para encabeçar o movimento.

Assim, em data difícil de precisar, mas possivelmente em pleno mês de Fevereiro, o escritor Julião Quintinha, o dr. Virgílio de Passos, Joaquim António Nunes, Jerónimo Marcos e, salvo erro, o crítico Roberto Nobre foram pessoalmente a casa do dr. Ferreira de Almeida e convidaram-no a tomar parte activa nos trabalhos. A recepção foi deveras amigável, mesmo fidalga. E, imediatamente, esquiçaram-se as primeiras bases sobre a próxima realização duma reunião magna, tendo o dr. Ferreira de Almeida, sempre prestável e voluntarioso, sugerido que ele próprio iria pedir a Casa do Alentejo para tal fim. Foi este o primeiro grande serviço que a moderna Casa do Algarve lhe ficou devendo. Como o sr. Antero Nobre vê, aqui não há batota. A César o que é de César!

Assente o primeiro ponto fundamental da existência legal da Casa do Algarve, que é como quem diz, para os que, após a hecatombe de eleições, puseram a bom recato o alvarazinho que perpetua os tempos esplendrosos que se seguiram a 1950. Daí o sr. Antero Nobre ter acrescentado: «Depois de alguns anos de vida sem glória, as portas fecharam, mas a Casa não morreu».

Pudera! Ficou o alvará (a certidão de nascimento do morto querido) consagrando a eterna glória dos que salvaram uma «existência legal»!! Mas... qual existência legal? — dirá o leitor. Querem que eu responda? Não sei responder. O sr. Antero Nobre é que inventou esta pitoresca facécia. Para mim, os salvadores da tão decantada existência legal limitaram-se somente a não queimar o alvará. Também mal fizera tivessem feito uma fogueira com esse papel, sujeito de tinta preta, símbolo de tanta luz, mas... garantia de tão pouco calor.

Outro orador menos romântico teria proposto um diploma de honra para os guardadores do papelucho. O sr. Nobre limitou-se a umas palavras de justiça...

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

Assine e propague «Notícias do Algarve»

Há mais de cento e oitenta anos...

Vila Real de Santo António

esteve para ser a Veneza de Portugal

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

gundo a sua opinião, pois cada morador tirava, por conta própria, o entulho que necessitasse para o prédio a edificar. Em carta datada de 27 de Julho de 1774 e dirigida a D. Francisco da Costa e Sousa, dizia o dr. Alberto Luís Pereira:

«Todas as Nações cultas da Europa, e que procurão a riqueza dos povos, o aumento do comércio e a segurança das Praças, julgão q o caminho mais pronto daquella felicidade consiste em serem rodeadas de agoa, e atravessadas de canaes; o q praticão ainda com immensas despezas como a todo o mundo hé notório; e julgava eu q seria indolencia manifesta podendo nós conseguir bem sem despeza concideravel, omitilo».

Mais além da sua extensa exposição, em que se nota um espírito inteligente e de rara visão, explicava a construção dos canais e a sua aplicação na economia da vila e na defesa, em caso de guerra:

«Concistão ellas em q aberto este canal, navegavão as suas mercadorias com toda a facilidade interiormente (livres de tempestades e incomodos) desta V.ª p.ª a de Castro marim, para S. B. meu., e p.ª as outras partes p.ª onde deitão ramos esta variedade de naturaes Esteiros, q cortão o Paiz: que chegando algum dia a repartir-se as terras, e a cultivarem-se os terrenos q abraçião, a facil condução dos frutos e palhas seria admiravel. Tinhaõ a grande conveniencia de q sendo da sua conta 140 ou 150 embarcações q poem sobre o mar, terem este abrigo, aonde estarem a coberto livres de todo o furto e mais incomodos do mar, contentalas e crenalas como dentro dos seus Quintaes: Este Rio sim

hé manço, mas alem de ter as circunstancias de mar, e a barra toda immediata, a praia opposta toda hé Castelhana, e isto deve merecer huma seria reflexão. Todas as nossas embarcações q tranzitão de prezente desta V.ª para as de Castro marim, Alcoitim, Mertoia &c. por precisa necessidade não de hir meter-se debaixo da Artilharia do Cavaleiro da praia de Halamonte: E se houver huma guerra (o q Ds. não permita) a nossa navegação por dentro fica facil e livre do insulto e Registo Castelhana, porquanto vamos a sair por dentro para cima de Castromarim; e neste cazo tão bem as embarcações recolhidas à valla estão livres de toda a irrupção inimiga; ao q acresce q neste extremo abrindo-se hum canal a pá da Valla até o Barranco, q são mil e tantos palmos, ficava-nos no la poderem interromper de forma alguma; e até no cazo de rompimento pela parte de terra, a Valla nos serve de Fosso e trincheira para a defesa».

Ficava, assim, a vila toda ela navegável, facilitando o comércio, à semelhança de Veneza, Amsterdão, Pitsburgo, Estocolmo e Copenhague.

Porém, tal proposta foi rejeitada, devido a intrigas que houve no Paço.

Em carta de 15 de Abril de 1774, escrevia, de Tavira, o sargento-mor Romão José do Rego:

«a Despeza feita na referida escavação, na mencionada profundidade, sempre lhe hade importar tripla, e poderá ser maior...» daquella que fizessem em terreno livre do inconvenien-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NOVO ESTABELECIMENTO

Abriu ao público no passado domingo, dia 31 de Março, um novo estabelecimento de comidas e bebidas, de propriedade do sr. Francisco Gago, na Rua de Aveiro.

O «Caminho Verde», nome do novo estabelecimento, tem sido muito frequentado, graças à fama das suas saborosas «tapitas».

PORTO
RAINHA SANTA
ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...
RODRIGUES PINHO
& C.ª
Vila Nova de Gala

Clínica de Santo António
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)
sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre
Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Câmara Municipal
de Vila Real de Santo António
Casino de Monte Gordo

Aceitam-se propostas para a exploração do CASINO OCEANO DE MONTE GORDO, durante a época balnear do corrente ano, até às 15 horas do dia 30 de Maio próximo.
As condições encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara Municipal.
Vila Real de Santo António, 4 de Abril de 1957.
O Presidente da Câmara,
José Victor Adragão

ETELBERTO - Cabelleiro
Participa a todas as Ex.ªs Senhoras que executam os mais actualizados penteados pela técnica mais moderna —
Permanentes a frio, Quentes e Mornas
Tintas, Mises, Cortes, etc.
Óleos quimicamente preparados em novas fórmulas
Desfrisa cabelos encarpinhados
Salão LAURÉA
RUA D. PEDRO V, N.º 5-1.º
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

UMA TARDE PASSADA COM BOA DISPOSIÇÃO
SÓ NO
CAMINO VERDE
ONDE ENCONTRAREIS BOAS TAPAS
E OS MELHORES VINHOS
CAMINO VERDE
de FRANCISCO GAGO DA SILVA
RUA DE AVEIRO, 18-20
Na época balnear visite o BAR na praia de Santo António



O PRIMEIRO homem da China actual tem hoje um poder e uma preponderância, no mundo comunista, que ninguém pode ignorar ou ousa contestar.

A reconstrução e consolidação da China encontrou em Mau-Tsé-Tung e nele os esforçados empreendedores e batalhadores que souberam ocupar os lugares de comando, senão de acordo com os desejos do povo chinês, pelo menos com as directrizes do partido.

Pela sua acção e preponderância, Chu-En-Lai conseguiu alcançar para a China uma situação de paralelo com a Rússia, forçando esta ao reconhecimento dessa posição, através de uma colaboração e resoluções comuns quanto aos interesses vitais do sistema político que defendem e à acção internacional — o que implica um auto-domínio absoluto e a certeza de que a situação de satélite se lhe não pode aplicar.

A acção no plano mundial da URSS não pode mais caminhar unilateralmente. Onde quer que seja que os interesses comuns estejam em jogo, a China terá que ser ouvida. Há aqui uma situação favorável ao Ocidente, decorrente de uma maior concentração no estudo dos problemas mundiais, que uma acção unilateral e autoritária sempre prejudica.

Do encontro entre as duas poderosas nações — poderosas pelo potencial humano que representam e pelos vastos recursos naturais que possuem —, num plano de igualdade, e pela rivalidade que entre ambas se estabeleceu, advirá, certamente, um salutar equilíbrio de forças benéfico ao Ocidente e, portanto, propício à manutenção da Paz.

O papel que Chu-En-Lai tem desempenhado junto dos restantes países comunistas é notório e poderá proporcionar-lhe um lugar de liderança superior aos actuais dirigentes soviéticos.

A grande transformação operada na China deve-se a Sun-Yat-Sen, que conseguiu fazer de uma nação decadente, constantemente posta a saque, uma nação progressiva e consciente do seu valor e capaz de se impor perante os estrangeiros, que encontravam nela presa fácil para explorar.

Com a sua morte, que toda a China sentiu profundamente, subiu ao poder Chang-Kai-Chek, que breve encontrou em Mau-Tsé-Tung um adversário de respeito.

Decorreram os anos, veio a guerra mundial, em que ambos se uniram para em comum defenderem a China dos invasores nipónicos e, terminada esta, Mau-Tsé-Tung conseguiu ficar senhor da situação.

Agora é Chu-En-Lai quem vai ao leme da nova China que Sun-Yat-Sen criou.

Texto e linéoleo de José dos Santos Marques

Visado pela Comissão de Censura

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O HOMEM E A CIÊNCIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sua época os sinais que antecedem a que há-de vir (a não ser quando se tornam por tal modo evidentes que só um cego os poderia ignorar); poucos têm olhos para descortinar os homens que estão lançando as bases de uma nova etapa.

O comum dos homens tem de hoje um conceito estático; hoje, raramente lhe aparece como a ligação entre o ontem e o amanhã; ou, então, o amanhã surge-lhe como um simples prolongamento do hoje.

Homens que parecem compreensivíssimos quando se trata de analisar a vida e a época dos grandes inovadores do passado, combatem rancorosamente, incansavelmente, os inovadores do seu tempo; ressuscitam na sua época os papéis tristíssimos dos adversários desses mesmos inovadores do passado que tanto dizem admirar. Desprezando cordialmente os adversários dos Pasteur, dos Galileu, dos Darwin, são eles mesmos os adversários, quantas vezes mais intransigentes, dos novos Pasteur, dos novos Galileu, dos novos Darwin.

Ora a grande lição da história da ciência é de humildade e de esperança: uma humildade que nos leve constantemente a esperar

ver surgir das inovações, que à primeira vista parecem mais mesquinhas ou mais absurdas verdades fecundas, instrumentos de valor inestimável, e esperança na continua ultrapassagem das posições conquistadas.

A primeira atitude, portanto, a manifestar o homem culto perante a ideia que surge envolta em absurdo ou em ridículo é a de aceitar como ponto de partida para uma revisão das conclusões estabelecidas.

A ideia não será, pois, má, porque parece absurda ou ridícula, ou porque colide com os nossos interesses, as nossas afeições, as nossas tendências; será má, se uma verificação desapaixada o revelar — e convém nunca esquecer nesta verificação o factor «homem»; como disse alguém, «é sempre de bom conselho verificar se as manchas da preparação não estão nas lentes do microscópio».

O grande interesse do convívio com a história da ciência está, pois, na ginástica da nossa compreensão.

Interessa, principalmente na medida em que nos puermos, com sinceridade, a questão de sabermos quais são os caminhos novos e os homens novos do nosso tempo.

Mário Sacramento

ACERCA DE UMA PALESTRA DO SR. ANTERO NOBRE

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

damental — a reunião magna — restava apenas lembrar alguns nomes para constituir uma espécie de «Comissão Cartaz» capaz de convencer a gente «snob» de que a coisa ia, e ia mesmo. Assim surgiu aquilo a que pospostamente se chamou «Grande Comissão Reorganizadora da Casa do Algarve».

O dr. Virgílio Passos convidou o almirante Cabeçadas para figurar à cabeça dos demais nomes. Assim se venceram os receios de que tudo pudesse ir por água abaixo, em virtude de mesquinhas susceptibilidades de primazia.

Sucessivamente, depois de falados, outros algarvios ilustres foram consentindo que os seus nomes fossem postos na lista. Assim, foi possível imprimir um prospecto convidando a colónia algarvia da capital a deslocar-se à Casa do Alentejo, a fim de assistir à reunião magna, que haveria de realizar-se em data de 20 de Fevereiro de 1946. O prospecto, no pé da folha, é iluminado pelos seguintes nomes: Almirante Mendes Cabeçadas, dr. Ferreira de Almeida, dr. Ascensão Contreiras, dr. Guerreiro Murta, dr. Sousa Carrusca, dr. Humberto Pacheco, dr. Virgílio Passos, Julião Quintinha, Eduardo Pavia de Magalhães, Roberto Nobre, Assis Esperança, Armando Miranda, César dos Santos, António Santos, Luís Bonifácio, Jerónimo Marcos, Joaquim Nunes, Gentil Marques, Luís Anacleto Júnior, etc., etc., etc. (sic).

Esta reunião de 20 de Fevereiro, onde estiveram cerca de umas duas centenas de algarvios, constituiu esplêndida jornada de regionalismo. Falou-se muito. A «Grande Comissão Reorganizadora» deu a alma a Deus nessa noite, após a eleição duma «Comissão Executiva» constituída por: Dr. Ferreira de Almeida (presidente), dr. Ascensão Contreiras (vice-presidente), dr. Virgílio de Passos (1.º secretário), Joaquim António Nunes (2.º secretário), Jerónimo Marcos (tesoureiro).

A vida da Comissão Executiva não foi de rosas. Portas a dentro dum cubículo, gentilmente cedido pela Casa do Distrito do Porto (onde Nunes e Marcos organizaram os primeiros serviços de secretaria), houve muita dificuldade a vencer, muita falta de dinheiro, muita incerteza, muito tra-

balho. Nesse ambiente de casa alheia, até se escreveram cartas que... ficaram sem resposta! Não é verdade, sr. Antero Nobre? Nós somos uns brincalhões...

Mas tudo isto (com brinçalhote ou sem ela) apenas prova que a cinza da primeira Casa era jorra requemada, matéria absolutamente inerte, incapaz de produzir combustível, ainda mesmo com o romantismo do sr. Antero Nobre a servir-lhe de comburento.

Ficamos por aqui. Espero, apenas, que o sr. Antero Nobre compreenda que, em face do tom da sua palestra, apenas me restava fazer o que fiz. Uma vez que ele reptou o público, seria cobardia quedar-me contemplativamente anichado no meu comodismo, e injustiça silenciar o muito que havia para dizer.

J. Silva Carvalho

P. S. — O sr. Neves Franco apanhou-me no ambiente amigo dum almoço de confraternização e aplicou-me uma tarefa mestra. Amoehei. Não tugi nem mugli. E depois que o meu bom amigo sr. Julião Quintinha falou, tomei as suas palavras como se fossem arnica, ganhei ânimo e tratei de me escapular, não fosse o diabo tecê-las para eu apanhar mais.

O sr. Neves Franco tem o dom da palavra. Eu gostei de o ouvir e, quase na certeza de que o entendi, julgo poder afirmar que ele está em desacordo completo com o sr. Antero Nobre, no referente ao facto que se transformou em cinza.

Cinza?! Ora essa!... Cinza tenho eu na minha prosa, por isso é que ela mais parece um forno crematório, onde serei incinerado e em cujas chamas muito se há-de chamuscar o jornal amigo que me deu guarida.

Jesus! Jesus! Tudo isto é apocalíptico!

Eu bem sei que o sr. Neves Franco não fez alusão aos sete cálices, nem a nada que se pareça com chovas de pedras e bichas de sete cabeças. Mas os tempos são outros, muito diferentes dos bíblicos. Desde a era nova do sr. Hitler, quando se fala em apocalipse fala-se em fornos crematórios. Estes marcam o índice dum progresso refractário à liberdade de pensamento, um pouco avesso à tolerância e...

Mas vamos ao que importa: O sr. Neves Franco, na sua oração, atirou-me vários botes, sempre

FOI LANÇADO À ÁGUA

UM BARCO DE 152 TONELADAS

construído nos estaleiros desta vila

Os estaleiros de Vila Real de Santo António têm tido, nos últimos anos, um desusado movimento, que se explica pela perfeição do trabalho executado.

Dentre os construtores navais desta vila, destaca-se o sr. António Pena, que, merecê das suas qualidades de trabalho e do acabamento cuidadoso dos barcos saídos do seu estaleiro, tem construído, ultimamente, dezenas de unidades, das quais, algumas destinadas à nossa província ultramarina de Angola.

Desta vez, coube-lhe a construção de um barco de 152 toneladas, cremos que um dos de maior tonelagem feito nos nossos estaleiros, e delineado fora dos moldes usuais.

A nova unidade, que se destina à importante firma «Empresa de Transportes do Tejo», de Lisboa, tem a estrutura toda em alumínio e foi acoplado com um potente motor alemão, de 475 cavalos.

O magnífico barco, que inúmeras pessoas têm ido admirar e foi lançado à água na passada sexta-feira, 29 do pretérito mês de Março, tem acomodações para 400 passageiros e destina-se para a carreira de ligação entre Cacilhas e Lisboa.

NOVAS CONSTRUÇÕES

A crise de habitação, um dos problemas da nossa terra que é necessário e urgente resolver, parece que começa a ser encarado a sério. Assim, entre outras novas edificações, assinalamos a construção de um bloco de 12 moradias, de 2 pisos, na rua dos Centenários, a cargo dos empreiteiros srs. Diamantino Leiria e mestre António Filipe. O projecto é da autoria do architecto sr. Manuel Gomes da Costa.

HÁ MAIS DE CENTO E OITENTA ANOS...

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTEVE PARA SER A VENEZA DE PORTUGAL

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

te da água e de menos profundidade...

À margem desta carta, escrita por punho desconhecido, está a seguinte nota:

«N. B. Aqui teve principio a maquinação occulta deste Official coligado com outras pessoas, para obstar à abertura da Valia, que ele aprovou; e depois dezaçou, por lhe dar o ar de que, fazendo Alberto Luiz com huma insignificante despeza, viria a conhecer-se q. queria enriquecer-se com a mesma abertura tão dispendiosamente calculada, para o caso de a pôr em execução. Intriga que não conheço o Governador».

O assunto ficou pendente, e tudo terminou com uma escassa meia dezena de cartas trocadas entre o dr. Luís Alberto Pereira e os seus superiores.

A construção da vila continuou, segundo o primitivo traçado de Carlos Mardel, e ficou edificada em Maio de 1776.

Depois, foi uma vida curta e feliz, como são sempre os sonhos dos pobres. A vila embelezou-se, aumentou de modo considerável o comércio e a indústria, a pesca era abundante e os pescadores ágeis e sabedores e as construções aumentavam com a chegada de dezenas de famílias, atraídas pela fama de prosperidade em que cá se vivia.

Pouco tempo depois, deu-se a morte do rei D. José I, subindo ao trono D. Maria I, sua filha.

O primeiro acto desta rainha foi suspender das funções de 1.º Ministro o Marquês de Pombal e desterrá-lo para a vila de Pombal.

Com o desaparecimento do Marquês, a vila, que lhe era tão querida, ainda tão nova e sem ter sentido ainda as agruras da vida e das politiquices do Paço, decaiu, começou a viver do passado e a desaparecer na poeira dos arquivos.

D. Maria I votou-a ao silêncio, à escuridão, apenas porque tinha sido mandada edificar por aquele homem de vontade de ferro que era o Marquês de Pombal.

De tal modo se acentuou a decadência da vila, que existe uma carta na Biblioteca da Universidade de Coimbra, que se julga ter sido escrita pelo antigo Governador de Vila Real, tenente-coronel Francisco de Mendonça Pessanha, com o título de «Representação sobre a decadência de V.ª de Sto. António no Algarve», dirigida a D. Maria I.

Desta carta, e para apreciação dos nossos leitores, respigamos os seguintes períodos:

«O lembrar-me que foi levantada, e resuscitada de suas antigas ruínas com tanta grandeza, asido, e perfeição quaes devião corresponder á muita magnífica, e Real Grandeza do Senhor Dom Joze de eterna memoria; e o yella dezamparada, e desprezada, nos felicissimos dias do glorioso Reynado de Vossa Magestade».

«Porque quando todos esperavamos que ella hoje foce a chave, e Cabeça de Commercio de nossas pescarias, e de todos os generos que sahem, e entrão no Algarve, segundo as vastissimas ideias e providentissimas Leys de seu Real Restaurador, e Fundador; e que a sua povoação, e Alfandega, e Marinha estivessem em extraordinario augmento, riqueza e perfeição, pelas muitas commodidades, e vantagens da barra, do rio, e do terreno, e pela fartura, e variedade de pescados de todas as espécies; pareceme que o vermolla hoje só, e dezamparada não he senão porque a Providencia quer dar a Vossa Magestade mais esta occasião de clarissimo louvor, e desempenho de Sua Real grandeza...»

«Quem verá sem magoa do seu coração pelas prayas desta Villa podres, e delidas do tempo! todas aquellas embarcações; despejadas e fechadas tantas e tão formozas propriedades de Cazas; e irem na monção ranjos e ranjos de homens Portuguezes servir na pescaria de nossos vizinhos, em esqueiros muito inferiores aos nossos por que os de perto são muito apertados, e para poucas barcas, e os espaços são a dezasseis legoas de distancia, que por isso não podem como nós aproveitar a pescaria, nem tirar os interesses que a nossa sempre deu, e pode dar».

E a terminar, diz o antigo Governador:

«Exaqui, mui alta, e Soberana Senhora o requerimento da desconsolada Villa Real de Santo António, que eu confiado nas Reaes virtudes de Vossa Magestade, me animei a pôr ante seu Regio Trono, e á Sombra de Sua humanissima protecção...»

Com o tempo, Vila Real voltou, de novo, ao seu antigo esplendor e grandiosidade.

As indústrias renovaram-se e criaram-se outras, o comércio aumentou as suas vendas e começou-se de novo a edificar mais moradias.

Presentemente, a nossa terra caminha, a passos largos, sob uma hábil administração, para um futuro cada vez mais risonho, de largas e felizes perspectivas.

Quanto à antiga ideia dos canais, tudo passou; apenas, ao lermos estas linhas, a imaginação voará para o país da fantasia e, com um incrível sorriso nos lábios, sentiremos a impressão de ver esses canais, de águas límpidas a correrem por entre uma vila laboriosa, com poéticas góndolas transportando encantadoras meninas, que de longe nos acenam com seus saudosos lenços brancos. Quem sabe, mesmo, se Marco Polo, se a nossa terra já existisse no seu tempo, teria vivido aqui, e quando dos seus passeios amorosos pelos canais, ouvirmos os criados chamarem por ele, naquele grito tão conhecido, que o cinema nos revelou: Marco Polo... Marco Polo...

A. de Mendonça

DE VEZ EM QUANDO

OS EXAMES DA COMPANHIA

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

grande centro do Império — eu ia a escrever o polvo — e tudo ali vai dar. Tenho examinado gente de todos os pontos do País e até homens de cor por lá têm passado. E abro aqui um parêntesis, para dizer que estes me impressionaram pela sua humildade e correção, duas das maiores qualidades que aprecio.

Pelo pretório já passaram gentes de Vila Real de Santo António e até do meu pobre, do meu esquecido concelho, ali têm vindo gentes que não frequentaram a escola na idade própria ou não souberam aproveitar.

São candidatos a varredores, a guarda-retreres, a porteiros, a cozinheiros, a criadas de quarto, a cabeleleiras, a guardas-linhas de caminho de ferro, soldados da Guarda Republicana que não podem sair para a província sem ter o exame do 2.º grau (parece que em Lisboa não se precisa de tanta illustração), etc., etc.

Mas as duas grandes correntes são a migratória e o automobilismo.

Se os automóveis fossem aumentados proporcionalmente com o número dos que requerem carta, então é que, com verdade, se podia dizer que nós, os pelintras, os peões, não tínhamos assento onde pôr o pé na rua.

E da pressa desta gente, que em regra acaba por onde devia começar, que era preparar-se para o seu exame primário, se aproveita uma fauna esquisita, que engorda, que bustina de automóvel.

«Não é necessário estudar — dizem-lhe eles — o que é preciso é o diploma.» E atiram os desgraçados, depois de muito bem os terem sugado, para a complacência dos examinadores que se fazem muito, não podem fazer tudo.

E aqui o ponto aonde quero chegar: — que os que têm de fazer os seus exames se preparem, que os aconselhe a isso quem o pode fazer. Que procurem gente de sabedoria e consciência para os encaminhar. Há sempre quem prefira o curandeiro ao médico, mas a verdadeira ciência reside neste, e a pantomina nunca foi a verdade.

Imaginem os senhores que outro dia, fechando o interrogatório de um homem no exame do segundo grau, perguntei-lhe: «Os reinos da Natureza são três. Quais são? Ele, abrindo muito a boca, pausadamente respondeu: — «Pai... Filho...» ao que eu rematei: — «Espírito Santo. Pode sentar-se».

Trindade e Lima